

# Afroturismo como resgate da memória e identidade em territórios quilombolas no estado do Maranhão

Saulo Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>

Angela Roberta Lucas Leite<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Afroturismo. Identidade. Maranhão. Memória. Quilombo.

## 1. Introdução

A atual conjuntura global nos âmbitos econômico, social, ambiental e cultural é apontada por estudiosos da dinâmica capitalista e econômica de mercado por não responder mais aos desafios impostos pela globalização, causando “patologias” sociais, que se fazem necessárias apontar como alternativa para um novo modelo de desenvolvimento social e econômico com fins sustentáveis (Berkes, 1996; Cohen; Arato, 1992).

Estas tais “patologias” (socioambientais; socioespaciais; sociopolíticas; socioculturais) (Dowbor, 1983; Max-Neef, 1986, 1993; Berkes, 1996; Dourojeanni, 1996; Sen, 2000; Santos; Souza; Silveira, 2002; Singer, 2002; Sachs, 2003, 2004) são encontradas em seu extremo, principalmente, em países menos desenvolvidos e que possuem baixo índice de desenvolvimento humano, como o caso do estado do Maranhão, que tem também o segundo pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, ficando atrás apenas de Alagoas (Igbe, 2025).

O afroturismo, sendo um dos principais vetores de resgate da memória e da cultura e por ser um segmento que se direciona para o compromisso ético, de respeito, afeto e engajamento da comunidade, permite desfrutar de um intercâmbio positivo de experiências entre turistas e autóctones, proporcionando o “encontro” entre identidades, compartilhamento e aprendizagem

---

<sup>1</sup> Doutor em Gestão Urbana (PUCPR) e Doutor em Geografia (UFPR). Professor da Universidade Federal do Maranhão e Universidade Estadual do Maranhão. <http://lattes.cnpq.br/6334574563260950>.  
saulo.ribeiro@ufma.br

<sup>2</sup> Doutora em Políticas Públicas (UFPR). <http://lattes.cnpq.br/7849261536254798>.  
angelarobertalucas@gmail.com

mútuos, em que o visitante tem uma atitude participativa durante sua viagem, beneficiando o desenvolvimento local, mas, respeitando os hábitos e as manifestações culturais. Por outro lado, a comunidade afro tem a possibilidade de consolidar sua identidade coletiva e gerar novas estratégias relacionadas ao desenvolvimento socioeconômico e cultural (Batista Neto et al., 2022).

Parte-se do pressuposto de que comunidades que residem em áreas de quilombos<sup>3</sup> são consideradas, em sua maioria, territórios culturais “em função de sua existência em núcleos relativamente isolados na malha geográfica regional” (Oliveira; Marinho, 2005, p. 334) e buscam o (auto)reconhecimento identitário e afirmação sociocultural, já que o isolamento geográfico geralmente provoca problemas socioeconômicos que contribui para o esquecimento destas comunidades e também certa exclusão das políticas públicas (Almeida, 2013).

O Maranhão tornou-se um território prioritariamente negro devido à intensa escravidão ocorrida nos séculos XVIII e XIX, consequente da vinda de negros africanos, que escravizados, ocuparam as terras do estado, e, consigo trouxeram sua cultura que aos poucos foi incorporada ao território maranhense (Projeto Vida de Negro, 2002). Vale ressaltar que dentre os estados brasileiros, “o Maranhão é o estado que apresenta o maior número de comunidades entre as recenseadas, sem incluir aquelas que ainda não tomaram conhecimento de seus direitos (Araújo, 2009, p. 58).

Assim, objetiva-se no presente trabalho relatar as experiências vivenciadas durante as visitas em duas comunidades quilombolas de Cururupu, tendo o afroturismo como fator de valorização, resgate e propagação da memória e identidade local, e, possível propulsor para o desenvolvimento socioeconômico.

## 2. Metodologia

Adota-se a pesquisa bibliográfica, pautada em autores do afroturismo, memória e identidade. No âmbito da pesquisa documental, levantou-se informações sobre as comunidades quilombolas de Aliança e Entre Rios, situadas no município de Cururupu que está no Litoral

---

<sup>3</sup> Definição de quilombo: “a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil” (Moura, 1981, p. 87).

Ocidental do estado do Maranhão, e, que fora realizada a observação direta durante dez viagens realizadas entre os anos de 2019-2024 .

Assim, ao visitar essas comunidades quilombolas identificou-se os aspectos econômicos, ambientais, sociais e culturais, assim como a participação em diversas atividades do cotidiano das comunidades como confecção de artesanato, produção de farinha, cachaça e bolo, roça e rodas de tambor de crioula. Tudo foi coletado através da a técnica de diário de bordo (Falkembach, 1987), onde anotou-se observações, ideias, imagens fotográficas e gravações de imagens e conversas.

### 3. Resultados e Discussões

Locais de forte tradição cultural, “isolamento” territorial, e pouco contato com o urbano, deve-se pensar um modelo de turismo no qual as comunidades quilombolas, como os casos de Aliança e Entre Rios, possam aproveitar os impactos positivos que a atividade promove no âmbito cultural, principalmente no que tange ao fortalecimento da identidade cultural e memória do lugar.

As comunidades quilombolas de Aliança e Entre Rios possuem histórias similares, ambas são datadas dos séculos XIX e início do século XX, e, tem na coletividade da terra a pose por meio da herança dos descendentes de antigos donos (Cruz, 2012). As terras eram antigas fazendas<sup>4</sup> que foram deixadas para os descendentes e atualmente possuem a documentação de entrega das terras a eles.

Estas antigas fazendas foram implementadas através da corrente de fazendeiros que vieram do município de Guimarães (Maranhão), durante o processo de expansão e ocupação do litoral ocidental maranhense, e a partir de então, foram surgindo às fazendas de plantação de cana de açúcar como o caso de Aliança. Nestas fazendas, existiam negros escravizados que mantinham o funcionamento a plantação, colheita e produção de açúcar e cachaça.

Relatos dos moradores, destacam que Aliança já foi considerada um grande entreposto na região, inclusive sendo reconhecida como uma das áreas industriais mais prósperas do Brasil

---

<sup>4</sup> A fazenda Aliança possui 5.708 hectares e a fazenda Entre Rios possui aproximadamente 3.000 hectares.

entre 1886 e 1965, possuindo zona comercial e portuária, além de ter abrigado uma grande área de plantação de cana de açúcar e um engenho que produziu a famosa cachaça “Aliança”.

De acordo com o relato de um morador “*o engenho chegou a ter aproximadamente 300 funcionários*”, tornando-se um dos maiores em todo o Brasil durante os séculos XIX e XX.

Além disso, contava com “*uma pista de pouso com voos ligando Cururupu/Aliança/São Luís*”, o que beneficiava o escoamento e introdução de produtos na região. Pelo porto eram exportados o açúcar e a cachaça para diversos lugares do mundo, e por este também chegavam os produtos que eram vendidos na zona comercial. Todo o maquinário do engenho foi fabricado na Inglaterra, pela empresa *Derby Fletcher & Stewart Ltd England*<sup>5</sup> e compreendia quatro caldeiras, trilhos, roda de esteira, entre outros.

Já a comunidade quilombola Entre Rios possui uma história diferente, sem engenhos com maquinário inglês, ou seja, sem tecnologias modernas. O antigo engenho era movido pelo carro de boi (atualmente em ruínas), e o transporte de toda a produção era feito por tração animal. Mesmo ambas as comunidades serem oriundas de antigas fazendas e próximas territorialmente, Entre Rios é menor em termos de população e residências, fazendo com que o conceito de coletividade e cooperação impere neste território negro.

Características como “união” são fortemente percebidas em Entre Rios, onde a comunidade sempre se reúne para debater e discutir questões relacionadas à comunidade. Um dos fortes aspectos mantidos pela comunidade são as manifestações culturais, que em Aliança já não está tão presente.

Em Entre Rios há o predomínio das manifestações culturais como o tamborim e tambor de crioula. O tamborim possui um toque cadenciado que se assemelha ao sotaque do boi de zambumba em que os homens tocam e as mulheres dançam igual ao tambor de crioula. A diferença do tamborim para o tambor de crioula é como se este fosse um complemento, pois de acordo com um dos moradores de Entre Rios, quando se toca tambor pode dançar até “agarrado”.

“*O silêncio em Entre Rios é tão grande que dá pra se conversar a distância, e se rompe com o som dos tambores, o que deixa a comunidade mais alegre e festiva*”, conforme ressalta

---

<sup>5</sup> A *George Fletcher & Co* foi fundada por *George Fletcher* em 1830 em Londres (Inglaterra) para produzir máquinas de refino de açúcar (Archives Hub, 2019, s/p – tradução nossa).

um dos moradores. O festejo de São Benedito (santo protetor da comunidade, também conhecido como padroeiro) acontece anualmente no mês de agosto, e dura cerca de quatro dias com muita música, dança, bebida e comida. No decorrer dos dias são realizadas missas, procissões e almoço comunitário, sendo aberta para visitantes. Contudo, o último dia a festa é “interna”, somente para os moradores da comunidade quilombola.

Neste aspecto, afroturismo proporciona experiência da cultura local, tendo a comunidade como protagonista de todo o processo, estimulando o sentimento de pertencimento, vinculado a salvaguarda do patrimônio material e imaterial, por meio, da aproximação entre o visitante e o visitado. O afroturismo tem também como direcionamento norteador, aproximar as pessoas, promovendo o resgate, o conhecimento tradicional, ancestral, secular de grupos afros, numa ótica da valorização do lugar de memória, respeitando as tradições e fortalecendo a identidade e singularidade afro existente no território.

Ou seja, desenvolver um trabalho de enraizamento da memória e do pertencimento através do afroturismo de maneira que venha contribuir na manutenção e fortalecimento da identidade e singularidade local, requer cuidados quanto ao tratamento e inserção do tema na comunidade, para que haja um interesse das comunidades quilombolas, no caso, Entre Rios e Aliança, numa construção contínua na formação e na consolidação das identidades locais e individuais.

Estes dois territórios quilombolas, ambos reconhecidos pela Fundação Palmares, ricos em história, podem, por meio do afroturismo promover a vivência mais autêntica da cultura negra, da gastronomia, religião, danças, vivências, pois, o afroturismo é uma realidade nas políticas públicas de turismo, tanto do Ministério do Turismo quanto da Embratur, numa tendência onde o viajante tem buscado fugir de locais de turismo de massa (Dias, 2023).

Ratifica-se que o afroturismo contribui para realçar a diversidade do patrimônio cultural, difundindo os conhecimentos ancestrais e vivências das comunidades quilombolas como Aliança e Entre Rios, conforme afirma Rodovalho, Fonseca e Sousa (2010, p. 12):

Entende-se aqui como patrimônio todas as esferas da natureza em que o homem vive e atua, que ele usa ou transforma para atender a suas necessidades materiais (de sobrevivência) e simbólicas (subjetivas, de satisfação, de conhecimento) e os bens culturais por ele produzidos, resultantes de sua ação no meio em que habita. Esses bens, materiais e imateriais, expressam a valorização do que fomos, do que somos e de onde estamos e, dessa forma, enquanto legado cultural para gerações futuras, expressam, consolidam e revelam a identidade de um povo.

Aliança e Entre Rios são lugares onde se estabelecem os vínculos ancestrais da história de quem eles foram, são e deveriam ser. E, é através da memória individual e coletiva que se recorre para manter o sentimento de pertencimento, aliado ao patrimônio imaterial, ou seja, nestes territórios se dialogam a cultura enquanto expressão do lugar e da identidade, que Aguirre (1997) conceitua como patrimonialização, ou seja, a materialização dos costumes, tradições, modo de ser e viver de uma comunidade.

O afroturismo na visão de Dias (2023, p. 42-43) existe há “bastante tempo [...] e que esse mercado está em expansão no Brasil e já movimenta bilhões nos Estados Unidos [...] é uma chave que não tem volta [...] temos nome e sobrenome e ele é afroturismo”. Assim, entende-se que é o afroturismo é necessário neste processo de resgate, mas principalmente, fortalecimento da cultura afro em Aliança e Entre Rios.

#### **4. Considerações Finais**

A partir da exposição apresentada neste texto, pode-se concluir que o afroturismo é capaz de contribuir para a preservação da diversidade cultural e difundir os conhecimentos e vivências das comunidades quilombolas de Aliança e Entre Rios, uma vez que o território quilombola é um lugar onde se estabelecem os vínculos culturais da história de quem eles foram, são e deveriam ser.

É através da memória individual e coletiva que se recorre para acionar o sentimento de pertencimento, aliado ao afroturismo, ou seja, nestes territórios dialogam a cultura enquanto expressão do lugar e da identidade, de materialização dos costumes, tradições, modo de ser e de viver em comunidade.

O afroturismo é crescente tem motivado diversas pessoas ao redor do mundo quanto ao deslocamento para visitar e conhecer histórias de pessoas pretas, portanto, territórios como Aliança e Entre Rios que tem muito a ensinar, podem ser beneficiados economicamente, socialmente, culturalmente, e ambientalmente por meio deste segmento turístico que amplia as relações sociais, além de aprender e aprimorar o conhecimento, como o caso de visitação em áreas quilombolas.

A memória e identidade de um lugar, como dos quilombos Aliança e Entre Rios em Cururupu são reflexos de uma importante história do estado do Maranhão que ficou no passado,

mas que através do afroturismo pode ser resgatada, preservada e repassada para outras gerações de acordo com o modelo de turismo a ser desenvolvido no território.

## Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição Pinheiro de. O movimento quilombola na baixada ocidental maranhense: história, memória e identidade de comunidades remanescentes de quilombos em Pinheiro. XXVII Simpósio Nacional de História. **Anais...**, Natal, jul., 2013.

AGUIRRE, A. **Cultura y identidad cultural, introducción a la antropología**. Barcelona: Bardenas, 1997.

ARAÚJO, Daisy Damasceno. Nós já estamos em cima desse chão: a questão da terra quilombola do Rio Grande-Bequimão-MA. **Monografia** (Curso de História). Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2009.

BATISTA NETO, Amadeu; SILVA, Pedro Diogo; ALMEIDA, Antônio Calvacante; LIMA, Anna Erika Ferreira; SILVA, Cristiane Sousa. Ajeum Bó: A importância patrimonial cultural das comidas votivas de (para o) Afroturismo como atrativo turístico. **Revista Turismo & Cidades**; v. 4, n. 10, jul./dez. p. 140-157, 2022.

BERKES, F. Social systems ecological systems and property rights. In: HANNA, S. et al. (orgs.). **Right to nature: ecological, economics, cultural and political principles of institutions**. Washington, DC: Island, 1996. p. 87-107.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

COHEN, J.; ARATO, A. **Civil society and political theory**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1992.

CRUZ, Marinilton. **Comunidades quilombolas do município de Cururupu no Maranhão**. 2012. Disponível em: <  
<http://patrimoniotradicional.blogspot.com.br/2012/07/comunidadesquilombolas-do-municipio-de.html>>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

DIAS, Guilherme Soares. **Afroturismo: afeto, afronta e futuro**. Salvador: Kakura, 2023.

DOUROJEANNI, A. Reflexiones sobre estrategias territoriales para el desarrollo sostenible. In: **Conferencia Cumbre sobre el Desarrollo Sostenible**, 1996. Santiago de Chile: CEPAL, 1996.

DOWBOR, L. **A formação do 3º mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FALKEMBACH, Elza Maria F. **Diário de campo: um instrumento de reflexão**. In: Contexto e educação. Ijuí, RS. 1987.

MARTINS, Clerton: *Identidade, percepção e contexto*. In: Turismo, Cultura e Identidade,org. MARTINS, Clerton. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAX-NEEF, M. **Desarrollo a escala humana**: conceptos, aplicaciones y reflexiones. Montevideo: Nordan Comunidad, REDES, 1993.

MAX-NEEF, M. **Economia descalza**. Estocolmo, Buenos Aires, Montevideo. Nordan Comunidad, 1986.

MEYER, Eugenia. O fim da memória. In: **Revista dos Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, vol. 22, nº 43, 2009.

OLIVEIRA, Anelize Martins de; MARINHO, Marcelo. Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio: manifestações culturais, turismo e desenvolvimento local. **Caderno Virtual de Turismo**. v. 5, n. 1, p. 23-30, 2005.

PROJETO VIDA DE NEGRO. **Terra de preto no Maranhão**: quebrando o mito do isolamento. Coleção Negro Cosme. v. III. São Luís: SMDH/CNN-MA/PVN, 2002.

RODOVALHO, Nazareth; FONSECA, Ana Cláudia Ferreira da; SOUSA, Marilda R. S. Identidade, cultura e turismo: do pertencimento ao turismo cultural. **II Simpósio de Educação, Tecnologia e Sociedade**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Inhumas, 2010.

SACHS, I. **Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). *Território*: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.